

APONTAMENTOS SOBRE A CULTURA ESPORTIVA NO RIO DE JANEIRO NAS DÉCADAS DE 1940 – 1950

ANDRÉ MAIA SCHETINO¹

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado, ainda em andamento, onde buscamos investigar a cultura esportiva como parte da cultura urbana entre as décadas de 1940 e 1960, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Para o presente texto destacamos como recorte a cidade do Rio de Janeiro entre as décadas de 1940 e 1950. A escolha do período foi feita com base em fatores históricos que orientam a pesquisa. O principal deles, a escolha de um modelo de industrialização – implementado inicialmente por Getúlio Vargas – enquanto um projeto de Estado, e o esporte e a cultura física como parte integrante deste modelo.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo investigar a cultura esportiva na cidade do Rio de Janeiro nas décadas de 1940 e 1950. Utilizamos como fonte para esta pesquisa dados oficiais do Censo, referentes à cultura esportiva e associativismo no período citado. Além disso, investigamos no mesmo período a revista *O Cruzeiro* (que foi editada de 1928 a 1983), uma “revista de sociedade” que aborda assuntos variados, como cinema, esportes e saúde. A escolha da revista como fonte para esse trabalho permitiu uma abordagem mais ampla, relacionando a cultura esportiva com a cultura urbana, costumes e modos de vida da população em um mesmo periódico.

O presente texto está dividido em três partes. Inicialmente, apresentamos alguns conceitos e definições chave para o trabalho, como o entendimento de cultura esportiva, a constituição do chamado campo esportivo, bem como alguns dados oficiais que demonstram o crescimento do esporte na cidade do Rio de Janeiro nas décadas de 1940 e 1950. Posteriormente, nos dedicamos especificamente às análises de apontamentos sobre a cultura esportiva na cidade do Rio de Janeiro nas décadas de 1940 e 1950, presentes nas páginas da revista *O Cruzeiro*. Finalmente apresentamos, à guisa de conclusão, algumas considerações sobre as relações estabelecidas entre os dados analisados, a cultura esportiva e a cultura

¹ Mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutorando em História no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGHIS-UFGM). Professor do Centro Universitário Izabela Hendrix (Belo Horizonte, MG). Email: andre.schetino@gmail.com

urbana da cidade, bem como no papel da revista como disseminadora dos valores, costumes e modos de vida tão caros à população da cidade do Rio de Janeiro nas décadas de 1940 e 1950.

Cultura esportiva como cultura urbana: esporte/cidade/Modernidade

Durante nossa incursão pelas páginas da revista *O Cruzeiro*, buscamos apresentar, analisar e discutir aspectos sobre a cultura esportiva relacionados à cultura urbana da cidade do Rio de Janeiro. Procuramos ao longo do texto mostrar que o surgimento e constituição de uma cultura esportiva – enquanto uma das muitas culturas urbanas – foi marcado por tensões. Direcionamos as discussões não de forma a particularizar a cultura esportiva, mas sim discutindo a emergência e estabelecimento desta sob a ótica da cidade. Ou seja, ela influencia e é influenciada pela cidade. Seu funcionamento não se coloca em uma relação de maior importância sobre outros aspectos da cultura urbana. Constitui-se, pois, em mais uma das muitas formas de se ler a cidade, de se olhar a cidade e tentar compreendê-la em toda a sua complexidade.

Como ponto de partida, precisamos localizar o fenômeno esportivo, estabelecendo suas relações com a cidade e a Modernidade, em uma breve contextualização. Apesar da historiografia esportiva mundial pouco a pouco consolidar a ideia da origem moderna do esporte, ainda se faz necessário alguns esclarecimentos sobre esta posição. Ou seja, concordamos com diversos autores como Pierre Bourdieu (1983: 136-153) e Norbert Elias (1992) que entendem o surgimento do esporte enquanto um fenômeno moderno, obviamente sem ignorar todo o conjunto de práticas corporais que acompanha o homem ao longo de sua história.

Temos então como um marco na historiografia, a Inglaterra dos fins do século XVIII e início do XIX, no contexto da Revolução Industrial, do advento do capitalismo, como berço do surgimento do esporte moderno. Através da regulamentação, sistematização e adaptação de inúmeras práticas culturais da antiguidade (jogos, lutas, danças, festejos e brincadeiras), surgiram diversos *sports* (palavra de origem inglesa), tais como o boxe, o futebol, o tênis, entre outros (BOURDIEU, 1990:207-220). O esporte surge enquanto um estilo de vida associado às elites e à nova burguesia emergente na Europa nos fins do século XVIII e início

do XIX. Desde então as compreensões acerca do termo “esporte” foram se transformando, mantendo algumas características, ganhando tantas outras.

Seja a partir da compreensão da Modernidade enquanto “o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável” (BAUDELAIRE 1996:24) – e dessa forma a mesma seria atemporal; ou como “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (GIDDENS 1991:11), percebemos que muitas das características definidoras da Modernidade são também definidoras do esporte. Como nos mostra MELO (2011:507-529):

É fato que uma das marcas do ideário e imaginário da modernidade é tanto maior presença na cena pública quanto maior interesse pelo corpo. Essas relativamente novas dimensões (se se considerar que, no formato atual, se estruturaram apenas desde o final do século XVIII) tem relação com uma série de mudanças articuladas: o desenvolvimento de um novo modo de produção (o fabril), o crescimento das cidades, a emergência de novas classes sociais (a burguesia e o operariado), a valorização da tecnologia, o desenvolvimento do pensamento científico (e a consequente redução de injunções de natureza religiosa), a estruturação de uma indústria do entretenimento, a configuração da imagem e do espetáculo como noções fundamentais na estruturação do novo modus vivendis. É nesse cenário que o esporte moderno se define, logo sendo um dos principais indicadores da complexidade desse novo quadro.

O esporte se constitui, portanto, como uma das formas de se experienciar a modernidade. E, na cidade do Rio de Janeiro, as práticas corporais foram amplamente vivenciadas desde os seus primórdios. Autores como Victor Melo (2001) e Jeffrey Needel (1993), nos mostram que a condição de metrópole, de uma capital – primeiramente do Império, e posteriormente, da República – que estabelecia várias trocas culturais, econômicas e políticas com outras grandes cidades mundo afora, fizeram da cidade do Rio de Janeiro um espaço privilegiado para o estabelecimento de uma cultura esportiva.

Dessa forma, deslocamos agora nosso olhar para as décadas de 1940 e 1950, compreendendo, portanto, que a cidade do Rio de Janeiro naquele momento já guardava mais de um século de relações com o campo esportivo. Interessa-nos, portanto, compreender o esporte sob a ótica da cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente neste período de grandes investimentos em um modelo de industrialização. Neste momento, apesar das tensões

na constituição dos projetos de desenvolvimento para o país, entendemos que se consolida o projeto baseado na industrialização e no desenvolvimento de tecnologia.

A cidade já experimentava de forma mais intensa das benesses presentes nas grandes cidades da Europa e Estados Unidos desde a transição do século XIX para o XX, além é claro, de uma série de novidades tecnológicas advindas do pós-guerra. Com tantas novidades, o dinamismo é discurso comum em diversas esferas da vida cotidiana. A sensação de mobilidade e velocidade tão presentes nos esportes toma conta das cidades, sob os avanços das novas tecnologias e materiais.

As práticas físicas desposam as máquinas de sua época neste começo do século XX, e os materiais novos também, a passagem da madeira ao aço, por exemplo, que já tinha começado para o esporte no final do século anterior: o recurso aos canos de ferro para a base dos aparelhos de ginástica, ao aço alongado para a elasticidade das barras fixas, ao duralumínio para diminuir o peso dos motores de competição. E isso transforma ainda as motricidades, entregues mais às velocidades, aos impulsos, às agilidades (VIGARELLO; COURTINE, 2008: 207)

As relações entre esporte/modernidade/tecnologia se desenvolvem na cidade viva, no cotidiano de seus moradores. Os recordes, e avanços do esporte, bem como sua relação com a tecnologia são próprios de uma sociedade industrial, que mensura, divide, metodiza. Mensurar, avaliar e quantificar as marcas esportivas, os progressos científicos, econômicos e culturais era hábito comum, parte integrante da divulgação do estilo de vida moderno. Na cidade do Rio de Janeiro, assim como em outras grandes cidades mundo afora, o esporte era considerado também como elemento indicador de uma cidade moderna, industrializada e com sucesso no campo econômico.

Isso pode ser percebido através de alguns dados oficiais do Governo Federal, que servem como indicadores do crescimento do campo esportivo no país, e mais especificamente, na cidade do Rio de Janeiro. O primeiro deles diz respeito aos clubes e campos desportivos existentes na cidade do Rio de Janeiro (então Distrito Federal). Nos anos de 1937, 38 e 39 foram contabilizados os clubes desportivos existentes na cidade, bem como o número de estádios e campos desportivos existentes

I — SINOPSE DOS CLUBES E CAMPOS DESPORTIVOS EXISTENTES NO DISTRITO FEDERAL - 1937/1939

ESPECIFICAÇÃO	DADOS NUMÉRICOS		
	1 937	1 938	1 939
Total dos clubes existentes.....	170	178	189
Automobilismo.....	1	1	1
"Basket-ball".....	26	35	35
Ciclismo.....	10	10	10
"Foot-ball".....	141	147	151
Dos quais praticavam.....			
"Golf".....	2	3	3
Hipismo.....	6	6	6
Motociclismo.....	1	1	1
Regatas o Natação.....	19	19	19
"Tenis".....	20	20	20
"Water-polo".....	8	8	8
Estádios e campos desportivos existentes.....	47	56	82

FONTE — Seção de Sistematização, da Secretaria Geral do I.B.G.E.. Tabela extraída de: Anuário estatístico do Brasil 1939/1940. Rio de Janeiro: IBGE, v. 5, 1941.

O Rio de Janeiro contabilizou em 1937, 170 clubes esportivos, ganhando mais 19 associações nos dois anos seguintes. Dos 189 clubes existentes no ano de 1939, 151 são de futebol, 35 de basquete, 20 de tênis, 19 de regatas e natação, 10 de ciclismo, 8 de polo aquático ("water polo"), 6 de hipismo, 3 de golfe, um de motociclismo e um de automobilismo. Os dados da tabela nos permitem analisar um pouco do panorama esportivo na cidade naquele momento.

Vale chamar atenção para o bom momento e a assiduidade dos praticantes de esporte, uma vez que apesar do período curto (três anos) não houve decréscimo do número de clubes esportivos de nenhuma modalidade, apenas manutenção ou aumento. A quantidade de clubes e a natureza das práticas esportivas descritas nos permitem inferir que os clubes de basquete (em menor medida), mas especialmente os clubes de futebol eram os grandes responsáveis pelo associativismo das camadas populares naquele momento. Fazendo um exercício impreciso de análise, mesmo que admitíssemos que membros das camadas populares pudessem figurar nos clubes de natação e regatas, além do ciclismo, por exemplo, o número de clubes dedicados a esportes mais elitizados é muito pequeno. Vale também ressaltar que o automobilismo, motociclismo e o ciclismo exigiam aparatos muito caros para sua prática.

Regatas e natação, juntamente com polo aquático exigiam uma piscina de dimensões oficiais para competições, ou mesmo barcos caros para a prática do remo. Golfe, hipismo e tênis sempre foram esportes associados às elites, elemento distintivo entre essas e as camadas populares.

Outro dado que corrobora com nossa análise é o elevado crescimento do número de estádios e campos desportivos existentes, que quase dobrou em três anos (de 47 em 1937 para 82 em 1939). Se compararmos este número com o número de clubes, podemos também inferir mesmo que de forma imprecisa, que os campos e estádios de futebol respondiam pela maior parte desses espaços.

No ano de 1948 foram divulgados mais dados referentes ao esporte no Brasil. Foram arrolados no país os locais (públicos e privados) destinados à prática de esportes. Foram contabilizados 4924 espaços² no Brasil, dos quais 1121 estavam nas capitais. A cidade do Rio de Janeiro era a que contava com o maior número desses espaços (277), representando quase 25% do total de espaços esportivos das capitais brasileiras. A cidade de São Paulo vinha logo em seguida, com 248 espaços pra prática esportiva (SERVIÇO DE ESTATÍSTICA DA EDUCAÇÃO E SAÚDE, 1952). Outro dado relevante diz respeito à capacidade desses espaços destinados à prática esportiva no Brasil³. Dos 4924 listados no ano de 1948, apenas 19 possuíam arquibancadas com capacidade acima de 10 mil pessoas. Desses dezenove, 11 estavam localizados na cidade do Rio de Janeiro, 6 no estado de São Paulo e os outros 2 no estado de Minas Gerais (SERVIÇO DE ESTATÍSTICA DA EDUCAÇÃO E SAÚDE, 1952)..

Os dados nacionais do IBGE sobre o associativismo esportivo entre 1957 e 1964 nos permitem analisar que a cultura esportiva nacional continuou crescendo. Nessa época o Brasil já conta com 5.816 associações esportivas e recreativas, 1.114 nas capitais, sendo 272 no Rio de Janeiro (Distrito Federal), permanecendo a proporção de quase 25% do total das capitais. Os dados dessa última pesquisa detalham ainda o gênero dos praticantes de atividades esportivas. No Rio de Janeiro, 311.446 pessoas estavam inscritas em associações desportivas

² Os espaços estavam divididos em: campos de futebol, campos de golfe e campos de hipismo; quadras de pouso (aeroclubes), basquete e voleibol, e tênis; stands de tiro, e piscinas; os demais espaços foram agrupados sob a categoria "outras")

³ Os espaços não foram identificados, apenas agrupados de acordo com a capacidade de acomodação nas arquibancadas. Podem figurar entre esses espaços campos de futebol, hipódromos, autódromos, ginásios etc.

e recreativas, sendo 246.549 homens e 64.917 mulheres. É o maior número de inscritos de todas as cidades brasileiras. A proporção de mulheres inscritas (20,8%) é semelhante à da cidade de São Paulo (21,6%) (SERVIÇO DE ESTATÍSTICA DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 1959).

Os números apresentados indicam o crescimento do esporte no Brasil e na cidade do Rio de Janeiro de maneira especial. Porém, uma análise apenas quantitativa desses números nos dá uma ideia limitada do que isso representou na cultura esportiva e urbana da cidade. Para ampliarmos nossas análises nos dedicamos agora a alguns apontamentos sobre a cultura esportiva na cidade do Rio de Janeiro, feitos a partir de uma investigação da revista *O Cruzeiro*.

Cultura esportiva no Rio de Janeiro nas décadas de 1940-50

Com tantas transformações em curso nas cidades, transformavam-se também os costumes e modos de vida da população. O desenvolvimento de uma cultura esportiva como parte da cultura urbana transformava também os corpos dos moradores do Rio de Janeiro. Surgem nelas corpos orientados sob novos valores. Como ressalta Vigarello:

O mundo do trabalho e da indústria com seus ritmos acelerados, o ambiente das repartições e dos escritórios com seus códigos de adaptabilidade orientam cada vez mais o tônus e a esbelteza. O mundo do lazer com novas ocasiões de fuga valoriza mais o dia claro e o movimento. Da mesma forma vão mudando as grandes referências culturais com o triunfo do “cidadino”, com, sobretudo, o aumento do “tempo livre”, do turismo, dos passeios; a musculatura perde os seus antigos traços operários, o bronzado perde suas antigas feições camponesas (VIGARELLO; COURTINE, 2008: 215. Grifos meus).

A afirmação do autor também se aplica ao contexto da cidade do Rio de Janeiro das décadas de 40-50. Se a industrialização provocava transformações na cidade, nada mais natural que se transformassem também os corpos de seus habitantes. Buscava-se a distinção, portanto, na natureza do trabalho corporal. O trabalho braçal podia ainda ser desqualificado, mas estava definitivamente massificado com o desenvolvimento da indústria.

Os corpos agora eram produto de um novo estilo de vida, mais esportivo de maneira geral. Tomemos como primeiro exemplo a indústria farmacêutica, que sempre se pautou pelo discurso da saúde e das ciências médicas para a venda de seus produtos, e agora valorizava

também os aspectos estéticos. Como podemos ver nesse anúncio de creme de beleza, publicado no ano de 1940 nas páginas da revista *O Cruzeiro*:

Seja Sportiva. Mas, conserve sua beleza. O cansaço dos sports, a agua do mar, o sol ardente e o calor ressecante da areia são os maiores inimigos da pele. Para conservar sua belleza, alimente, amacie e proteja a sua cútis com massagens diárias de Creme Simon – o creme de beleza das Parisienses. (O CRUZEIRO, 06 de janeiro de 1940, p. 10.)

No Rio de Janeiro, a praia convidava a população para a vida ao ar livre e a prática esportiva. Como destacamos anteriormente, a cidade do Rio de Janeiro sempre foi marcada por ser uma metrópole cultural, de costumes e modos de vida considerados “modernos”, comparados sempre a outras grandes cidades mundiais. E as praias na década de 40 já eram um importante espaço para o esporte e o lazer dos habitantes da cidade, inclusive das mulheres.

E se as mulheres eram agora estimuladas a saírem à praia e às ruas, era preciso que seus corpos estivessem bem cuidados, saudáveis, e obedecendo a um novo padrão de beleza. Ainda no campo da indústria farmacêutica, temos o exemplo mais marcante sobre os novos corpos da cidade. Os anúncios do produto Leanogim, um “composto de extratos glandulares, essências de algas marinhas e de vegetais terrestres” que prometia acabar com o excesso de gordura corporal, foram veiculados na revista *O Cruzeiro* também no ano de 1940. Os anúncios simulavam pequenas reportagens, trazendo longos textos que apresentavam aos consumidores o novo padrão de beleza da sociedade moderna.

Alguns povos bárbaros apreciam, como typos de beleza feminina, as mulheres gordas e de formas avantajadas. Entre os civilizados, porém, o conceito de belleza é diametralmente opposto. Para o homem de apurado gosto esthetico, o typo ideal de belleza é o que se consubstancia na proporcionalidade das diferentes partes do corpo, na harmonia de linhas, na gracilidade do aspecto geral e ainda na normal distribuição dos diferentes tecidos do organismo. Somente as mulheres que se enquadram dentro destes cânones merecem o titulo de belas. (Os homens preferem as magras. O CRUZEIRO, 28 de setembro de 1940, p. 58.)

Um corpo (feminino) belo era, portanto, um corpo harmonioso, gracioso, e especialmente, livre do excesso de gordura. A partir de agora, aquelas que por ventura fugissem ao novo padrão corporal da cidade moderna, estariam sujeitas ao julgamento de todos àqueles que agora viviam sob os novos preceitos e padrões de beleza. É isso que mostra

outro anúncio do mesmo produto, que apresentava o “código moderno do bello aplicado à arte”:

*As pessoas excessivamente gordas podem ser consideradas fora não só das leis de Hygiéa, a festejada rainha da medicina na Mythologia grega, como do código moderno do bello aplicado à Arte. E a advertência constante a respeito desta má situação se faz sentir nas ruas, nos auto-omnibus, nas praias de banho, por toda a parte, enfim, victimas que são de olhares indiscretos, irônicos, e até de commentarios mordazes dos que se divertem com os males alheios. (A **corpulência exagerada é um martyrio**. O CRUZEIRO, 31 de agosto de 1940, p. 52.)*

As novas regras dos cuidados com o corpo e os também novos padrões de beleza não atingiam apenas as mulheres. Para corpo masculino, entrava em cena o aspecto da força, especialmente voltada para o mundo do trabalho e da produtividade. Esse aspecto é de grande valia, uma vez que os músculos – por serem o principal sinal de trabalho braçal – eram antes mal vistos por membros das elites e altas camadas da sociedade. Porém, com o desenvolvimento da cultura esportiva na cidade, o corpo musculoso agora passava a ser sinônimo de saúde e beleza masculina.

É o que podemos ver com a realização do “1º Campeonato Nacional de Levantamento de Pesos e o campeonato para escolha do melhor físico de 1950” acontecido no Rio de Janeiro. O evento, no qual “forçados e “bonitões demonstraram suas qualidades” nos dá uma ideia da transformação do ideal de corpo que já vinha em curso nas grandes cidades industrializadas.

O CAMPEONATO PARA ESCOLHA DO MELHOR FÍSICO

Se as provas de levantamento de pesos atraíram uma boa assistência, na qual se notavam muitas representantes do sexo “frágil”, o campeonato para a escolha do Apolo Brasileiro de 1950 fez superlotar o antigo “grill” do Casino Atlântico. E dessa vez, como é facil imaginar, o elemento feminino acorreu em massa. Perante a comissão julgadora, constituída por sportistas e artistas, os “bonitões” exhibiram as suas possantes musculaturas, enquanto lá dentro, nos bastidores e camarins outrora ocupados pelas coristas do Cassino, os que se preparavam para ir ao palco davam os últimos retoques na camada de oleo destinada a realçar os bíceps, peitorais, tríceps e deltóides. Havia diversas classificações: Seria escolhido “o melhor braço”, “o melhor peito”, “a melhor perna”, “o melhor abdome”, “as melhores costas”, “o mais musculoso” e, finalmente, “o melhor físico”, ou seja, o que reunisse o melhor conjunto, sagrando-se assim o Apolo Brasileiro de 1950. As provas foram longas e exaustivas, sob um calor de rachar. Os atletas tiveram que se exhibir individualmente, depois aos pares, depois em grupos de três, de cada vez dotando as mais diversas poses a fim de permitir aos juizes uma apreciação detalhada e justa. A assistencia, por seu lado, se manifestava com ruido, enquanto no palco os músculos se enovelavam, se retezavam, se contraíam em contorsoes

incríveis. Tratando-se de um campeonato aberto, havia 21 participantes, alguns dos quais provenientes do Rio Grande do Sul, Bahia, São Paulo, Pernambuco e Estado do Rio. Por fim, os representantes da Liga Brasileira de Halterofilismo, organizadora do concurso, proclamaram os vencedores: O melhor braço: João Werneck Soares; O melhor peito: Zenildo Alves Ferreira; O mais musculoso: Zenildo Alves Ferreira; A melhor perna: Gerson Dória; O melhor abdômen: Gerson Dória; As melhores costas: Agenor Barbosa; O melhor físico de 1950: João Werneck Soares, do Ginásio Apolo. (Músculos em revista. O CRUZEIRO, 26 de agosto de 1950, p. 87 e 104. Fotos e textos de João Martins.)

O corpo masculino também obedecia a lógica industrial, da linha de produção. Estava agora segmentado, dividido em músculos e membros. O melhor braço, a melhor perna, o melhor abdômen estavam agora dentro de novos padrões de trabalho, de beleza, e de exigência física. A escolha do Rio de Janeiro como local para a realização do primeiro concurso indica, mais uma vez, o espaço de vanguarda da cidade com relação à prática esportiva e com estilos de vida esportivos. O concurso era apenas o primeiro, e pode parecer que era algo ainda muito incipiente na sociedade brasileira. Mas na verdade trata-se de um momento que contribuiu para fortalecer um grupo social já institucionalizado em uma Liga Nacional, e com representantes de diversos estados brasileiros. E, se o halterofilismo ainda era um esporte novo e com poucos praticantes, a cultura física masculina já se difundia com maior expressão e chegava à população em geral.

O esporte era, portanto, prática recomendada para todos: homens e mulheres, adultos e crianças. Mas sempre seguindo os ditames recomendados pela moderna ciência, seja para a prática esportiva em si ou também para os outros momentos da vida dos habitantes das cidades. Para além dos programas de exercícios, dos remédios, compostos e produtos de beleza vendidos nas farmácias, o estilo de vida esportivo envolvia outros costumes e modos de vida. Na hora de se alimentar, por exemplo, deveria deixar de lado as comidas pesadas e saborear algum dos “menus esportivos”, sugeridos pela revista *O Cruzeiro*. O cardápio do dia poderia variar entre “hamburguezas com pasta, cadeias de batatas, supremo hamburguez” (**Menus Esportivos**. O CRUZEIRO, 24 de fevereiro de 1940, p. 56.). Um praticante de atividades esportivas poderia ainda se utilizar de produtos indicados especialmente para ele, que se submetia o seu organismo a “emoções violentas e rápido desgaste de energias”.

DESPORTISTA!... As atividades esportivas sujeitam o organismo a emoções violentas e a um rápido e intenso desgaste de energias. Para manter uma saúde perfeita, e estar sempre em forma, tome TODDY, o sadio e equilibrado complemento alimentar de fácil digestão e perfeita assimilação. TODDY é

saboroso, pode ser tomado a qualquer instante, e alimenta por 4 e ½ horas. (O CRUZEIRO, 08 de julho de 1950, p. 74.)

O anúncio em questão mostrava, junto com o texto, o desenho de um homem de perfil, em posição de corrida, trajando short e camiseta, destacando os seus músculos. Podemos perceber como a cultura esportiva que se desenvolvia nas cidades movimentava não só o campo da saúde e da ciência, como também um amplo mercado de consumo que passava a desenvolver produtos específicos, indicados e anunciados para os adeptos do esporte.

Com atividade física, uma alimentação mais saudável e menos gordura corporal, o modo de vida esportivo exigia também novas vestimentas, que realçavam o movimento e a atividade corporal. A moda esportiva chegava com força nas grandes cidades, com a ajuda de um importante veículo de propaganda: o cinema norte-americano. As revista *O Cruzeiro* tinha uma seção exclusiva sobre cinema, onde eram frequentes as reportagens sobre o vestuário das estrelas dos estúdios de Hollywood (**O Sport da moda**. O CRUZEIRO, 18 de maio de 1940, p. 45.).

O estilo esportivo de se vestir era facilmente identificado, e as vestimentas poderiam apresentar uma dupla função: inicialmente foram desenvolvidas especificamente para a prática de esportes, mas logo deixaram de se restringir apenas a essa atividade. Deixaram de ser exclusividade dos campos, pistas e quadras, e passaram a compor um conjunto de produtos destinados ao dia-a-dia dos habitantes das cidades.

A cultura esportiva no Rio de Janeiro exaltava um novo tipo de corpo: mais forte, belo, ágil, que se alimentava de forma diferente, vestido com roupas leves, mais curtas, que valorizavam as novas formas desse corpo e seus movimentos. Provavelmente esses corpos não eram maioria, mas os valores de uma cultura esportiva estavam cada vez mais presentes na cultura urbana das cidades.

E como acontecia a relação dos habitantes do Rio de Janeiro com o esporte? A cultura esportiva se desenvolvia nos mais diversos espaços e sob as mais variadas influências. Como visto no início desse texto, destacamos primeiramente o espaço dos clubes esportivos, instituições presentes desde o século XVIII com a chegada dos primeiros esportes na cidade.

Os clubes eram de fato o lugar privilegiado para a prática esportiva. Nos fins do século XIX eram instituições frequentadas majoritariamente pelas elites das grandes cidades.

Por tamanha importância, os clubes se transformaram em espaços das colunas sociais. A revista *O Cruzeiro* trazia em 1950 uma coluna chamada, “O Jockey Club Mundano”, que contava sobre a vida social desse importante espaço da alta sociedade do Rio de Janeiro.

Novamente as tribunas, a pelouse, o salão de chá, todas as dependências, enfim, da sede esportiva do Jockey Club Brasileiro retomam o habitual ritmo da temporada turfista, com a volta dos veranistas ao Rio. Novamente os jovens irradiantes e formosos sorrisos enfeitam as tardes de domingo. Novamente todo aquele mundo, que se encontrava nas cidades serranas, ou nas estações de água, retorna marcando como ponto de encontro obrigatório: o Hipódromo da Gávea. Novamente a parada encantadora de modas, agora com vestidos claros de verão, mas logo a seguir, com modelos severos de outono e inverno, terá seu lugar ao sol. E a sociedade carioca que se reúne na bela festa esportiva do ambiente mais aristocrático do Distrito Federal. Novamente, enfim, as brasileiras bonitas que chegam ao Rio de Janeiro, nos seus meses amenos, serão recebidas na moldura verde do incomparável Hipódromo da Gávea. E assim, as tribunas, a pelouse, o salão de chá, todas as dependências enfim da monumental sede esportiva readquirem aos poucos, o movimento e o brilho dos seus grandes dias. Nossas fotografias focalizam os primeiros instantes da nova estação turfista que vai aos poucos crescendo em esplendor... (Esporte e elegância no Jockey Club. O CRUZEIRO, 25 de março de 1950, p. 83. Crônica de G. de A.)

O Jockey Club do Rio de Janeiro se configurava não somente como um importante espaço esportivo da cidade, mas também como um espaço das elites, que ali se reuniam em torno não somente da atividade esportiva, como também de um universo que os permitia novas redes de contatos, negócios, bem como o desenrolar da vida particular como os matrimônios, flertes e outras relações (NEEDELL, 1993). Nesse sentido, a vida social, vestimentas e notícias sobre os frequentadores do clube eram tão importantes quanto a realização das provas de turfe em si.

Os clubes de elite tiveram denotada importância no cenário esportivo do Rio de Janeiro, especialmente por se tratarem de associações pioneiras, ligadas ao modo de vida esportivo. Com o desenvolvimento da cidade e da industrialização, essas instituições exclusivas da elite passaram a dividir espaço com uma grande quantidade de clubes e associações esportivas voltadas para as camadas médias e populares.

Temos como exemplo dessa massificação dos clubes esportivos ações como a criação, no ano de 1943, do Serviço de Recreação Operária (SRO), pelo Ministério do Trabalho,

Indústria e Comércio (SANTOS, 2007). Iniciativas congêneres surgiram em outros setores organizados da produção, como por exemplo, o Serviço Social da Indústria (SESI) e o Serviço Social do Comércio (SESC), ambos fundados em 1946. Todos baseados em oferecer uma variada gama de serviços de assistência aos seus associados, dentre elas as atividades esportivas, seja através de clubes esportivos e recreativos ou de outras ações pontuais em diversos espaços da cidade.

Mas o esporte crescia para além dos clubes. No caso específico do Rio de Janeiro, temos a praia como um local privilegiado para a prática esportiva. Desde a chegada dos esportes náuticos no início do século XX com o desenvolvimento e popularização do remo na cidade, a praia só viu aumentar a concorrência de praticantes para os mais diversos tipos de atividades esportivas. Podemos inferir que a prática esportiva na praia foi crescendo. Um dos indícios para essa afirmação – além dos anúncios já apresentados – são as fotos e reportagens dos jornais. Em 1950, por exemplo, a prática do futebol e de outras modalidades esportivas nas areias de Copacabana começava a incomodar o cronista Franklin Oliveira, que escrevia nas páginas da revista *O Cruzeiro*

As praias, como as praças públicas, as estradas, as florestas, lagos e outros pedaços do território nacional, os parques e as quedas d'água, constituem um patrimônio coletivo inalienável, ou quando muito aproveitável para o uso da coletividade. Quando alguém se apossa desses bens, afastando de seu convívio e de seu gozo a maioria da população, está armando um privilégio sob todos os pontos de vista indigno e absurdo. As praias do Rio, mais que quaisquer outros bens públicos, vinham sendo afeiadadas, dominadas e diminuídas pelo abuso do chamado futebol de praia e por outras numerosas competições esportivas, justamente na hora de maior afluência de homens, mulheres e crianças. Que se pratique o futebol nas praias está certo e é mesmo interessante. Mas que o seja em horas de pouco movimento, quando onze homens metendo o pé numa bola de um lado e onze de outro, não ocupem grande espaço na areia, com os graves inconvenientes que tem sido registrados constantemente, de boladas em pessoas pacíficas, que vão à praia, às vezes, com dificuldades e se arriscam a ter de entrar em briga com os “bigodes”, os “ademires” e outros improvisados campeões da pelota. Além do mais, a praia, principalmente a de Copacabana, mais parecia um paliteiro, com restos de banquete pelo chão, tantos eram os paus erguidos em tôda a sua maravilhosa extensão. Sabemos que se sacrificou o prazer de uma meia dúzia de pessoas, que poderão em horas mais calmas dar seu pontapé numa bola; em compensação, abriu para milhares de outros habitantes da cidade um espaço mais seguro e mais limpo para tomar seu banho de mar. Nem os pais, os namorados e os maridos estão mais temerosos de se transformar em praticantes de luta-livre, de quando em quando, na defesa dos membros de sua família, mas poderão agora gozar sem perigo das doçuras de uma linda praia e das carícias de um sol salutar e amigo. (Futebol nas praias e conciliação. O CRUZEIRO, 28 de outubro de 1950, p. 7. Matéria assinada por Franklin de Oliveira.)

Obviamente o esporte não era uma unanimidade entre os habitantes da cidade. Mas a matéria ressalta não somente a importância da praia como local para a prática esportiva, mas também, como o esporte ocupa o espaço da cidade das mais diversas formas. Na cidade do Rio de Janeiro, a praia se constituía em mais uma possibilidade de ocupação da cidade através da prática esportiva – com todas as benesses e tensões envolvidas nesse processo.

O Rio de Janeiro, portanto, viu a chegada do esporte como prática das elites, que viveram as tensões dos primeiros clubes e ligas populares de futebol, experimentariam no período entre as décadas de 40 e 50 a consolidação e ampliação do esporte na cultura urbana da cidade. A cultura esportiva estava presente e era incentivada aos seus habitantes, das elites às camadas populares.

Escolhemos uma reportagem da Revista *O Cruzeiro* de 1940 para exemplificar o discurso com objetivo de propagação da cultura esportiva na cultura urbana da cidade. A reportagem mostra os hábitos esportivos do então presidente Getúlio Vargas. Intitulada “O presidente joga Golf”, a reportagem trás fotos de Vargas executando movimentos e tacadas do esporte, e diz em um trecho:

“ter um sport” deveria ser a preocupação de todos. Não admirar, apenas, as manifestações sportivas e repetir a phrase latina do Juvenal, phrase demasiado batida para que ainda seja necessário, para lembrá-la, mais do que a primeira palavra, “mens...” Deveria ser preocupação de cada um ter um Sport, pois elle, qualquer que seja, muito mais do que um passatempo, é uma preparação à actividade séria, um importante relaxamento espiritual. E toda naccao pode tomar como prova do que afirmamos a actividade golfista do presidente Vargas.(...) Requerido a todos os instantes pelos relevantes problemas da administração, transportando-se frequentemente aos pontos mais afastados do território nacional; cercado pelas grandes responsabilidades do seu alto posto, mesmo assim, sempre que pode, o presidente da república deoxa passar horas reparadoras taco de golf à mão, chapéu protegendo-o dos raios de sol... Não há, portanto, desculpa para que cada um não tenha o seu Sport. Tanto maiores forem as responsabilidades, tanto mais se afirmará a importância da adopção do meio de se descansar o espírito para voltar com forças novas ao trato dos problemas graves de todos os dias. (O presidente joga golf. O CRUZEIRO, 30 de novembro de 1940, p. 28. Matéria não assinada. Grifos meus.)

Do presidente aos trabalhadores, todos, sem exceção deveriam praticar esportes. Se até o chefe da nação – com sua vida atribulada pelas mais importantes tarefas – conseguia encontrar tempo para a prática esportiva, o mesmo deveria ocorrer com todos os brasileiros.

O discurso da reportagem levanta o aspecto já abordado da relação entre a prática esportiva e a necessidade de controle do tempo livre dos trabalhadores por parte das indústrias. Tal aspecto corrobora com os investimentos da política trabalhista de Vargas, fundamental para o desenvolvimento da industrialização brasileira. Mas, além disso, mostra também o processo de massificação da prática esportiva, a exemplo do que já acontecia nas outras grandes cidades mundo afora.

O esporte agora passava a abarcar as mais diversas camadas sociais da população. Obviamente com elementos distintivos: se o golfe, a vela e a equitação eram esportes caros, exclusivos das elites, as camadas populares se dedicavam ao futebol, às lutas e ao basquete, entre outros. Mais importante do que as modalidades em si, o que estava em jogo eram os valores propagados pelo esporte, que iam cada vez mais se fazendo presente na cultura urbana da população das cidades industrializadas.

Considerações finais

Os dados oficiais sobre o crescimento da prática esportiva na cidade do Rio de Janeiro, aliados aos apontamentos sobre a cultura esportiva da cidade presentes nas páginas da revista *O Cruzeiro* nos permitem perceber como o esporte fazia parte integrante do modelo de industrialização proposto pelo Estado. As construções de estádios e ginásios – como o Maracanã em 1950, e o Maracanãzinho em 1954 –, o aumento do número de clubes esportivos e os projetos do Serviço de Recreação Operária e sistema “S” (voltados para os trabalhadores) nos mostram as ações tomadas no sentido de massificar a prática esportiva na cidade.

Uma população forte e saudável era imprescindível para o trabalho na indústria, para a se colocar em prática o modelo de industrialização. Esse projeto encontrou na cidade do Rio de Janeiro um espaço privilegiado, uma vez que ela e seus habitantes sempre guardaram relações estreitas com os esportes e as práticas modernas.

Vimos através das fontes que um conjunto de fatores que transformaram os corpos dos habitantes das grandes cidades, a partir do desenvolvimento e da ampliação da cultura esportiva. Ser esportivo passava por um conjunto de valores que envolviam alimentação,

saúde, moda, consumo e inclusive, a prática esportiva. Essas transformações tiveram reflexo direto na ocupação dos espaços da cidade, como a praia, os estádios, ginásios, clubes esportivos etc. O fenômeno que começara na cidade ainda nos tempos de Império como prática exclusiva das elites, era nas décadas de 1940 e 1950 praticado e incentivado a todos os habitantes da cidade do Rio de Janeiro.

BIBLIOGRAFIA

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo?** IN: BOURDIEU, Pierre: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983. p. 136–153.

BOURDIEU, Pierre. **Programa para uma sociologia do esporte** IN: BOURDIEU, Pierre: **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207–220.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

MELO, Victor Andrade de. **Esporte e Lazer**: conceitos. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, Angela Brêtas Gomes dos. **“Nem só de pão vive o homem”**: criação e funcionamento do Serviço de Recreação Operária (1943-1945). Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean-jacques. **História do Corpo Vol 3 – As mutações do olhar**: o século XX. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

FONTES

REVISTA O CRUZEIRO, de janeiro de 1940 a dezembro de 1950.

SERVIÇO DE ESTATÍSTICA DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Tabela XII — Cultura Física, Segundo as Unidades da Federação – 1948. Tabela extraída de: Anuário estatístico do Brasil 1951. Rio de Janeiro: IBGE, v. 12, 1952. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/associativismo/1951/assoc1951m_aeb_193.xls Acesso em 25 de setembro de 2012.

SERVIÇO DE ESTATÍSTICA DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Tabela XII — 2. Instalações Existentes nos Recintos Arrolados Destinados à Prática de Esportes – 1948. Tabela extraída de: Anuário estatístico do Brasil 1951. Rio de Janeiro: IBGE, v. 12, 1952. Disponível em:

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

17

http://www.ibge.gov.br/seculox/arquivos_xls/associativismo/1951/assoc1951m_aeb_194.xls

Acesso em 25 de setembro de 2012.